



RESENHA

ABREU, MÁRCIA. CULTURA LETRADA: LITERATURA E LEITURA. SÃO PAULO: EDITORA UNESP, 2006. 125 P.

Júlio César David Ferreira¹

Em *Cultura letrada: literatura e leitura*, Márcia Abreu, professora do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, aborda algumas questões polêmicas acerca da universalização dos parâmetros avaliativos da literatura: todos devem apreciar o mesmo tipo de texto? Como definir literatura? Há uma maneira correta de ler literatura? Há livros bons em si? Há uma qualidade estética objetiva nas obras?

Logo no início do livro a autora apresenta duas listas, sendo a primeira delas uma eleição realizada em 1999 pela *Folha de S.Paulo* com os melhores romances mundiais do século XX assim como os melhores romances brasileiros de todos os tempos (*Folha de S.Paulo*, São Paulo, 3 jan. 1999. Mais!, p. 5.4). A segunda lista consiste em uma eleição dos melhores escritores brasileiros do século XX, realizada pela revista *IstoÉ*. Nas duas listas podemos destacar autores como Machado de Assis, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos, acompanhados de nomes como James Joyce e Franz Kafka, na primeira lista. Em dezembro de 1999 a revista *Veja* publicou a lista dos livros de ficção mais vendidos naquele ano (GRAIEB, 1999) e, assim como Márcia Abreu, não devemos nos espantar ao ver nesta lista autores como Jô Soares, Sidney Sheldon e Paulo Coelho. O fato é que a maioria das pessoas não leu nenhum dos “clássicos” presentes nas listas dos “melhores”, enquanto a popularidade dos *best sellers* é indiscutível. Nesse ponto, Márcia começa a tecer uma reflexão sobre a “literariedade”. Os valores estéticos são universais? Abstratos? Sócio-Históricos? Nesse processo, qual papel o sujeito-leitor ocuparia?

Se levarmos em consideração que no imaginário brasileiro, a prática da leitura se caracteriza como “um hábito” – frequentemente estimulado em campanhas de vários segmentos da mídia –, cumpre acrescentar que na breve história da cultura letrada brasileira, a leitura é uma experiência que o Brasil “ainda não teve”, comparado a

¹ Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Graduado em Física e mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista.

outras realidades, como a europeia, por exemplo. O velho continente já possuía uma literatura amadurecida, consolidada ao longo de muitos séculos, antes que chegasse a era da interatividade, dos sons, das imagens, enfim, das multimídias e suas múltiplas linguagens, enquanto o leitor brasileiro – o “devorador” de livros –, padrão desejável, preconizado pela elite e normatizador das práticas de leitura no país, não teve tempo de se constituir historicamente, por isso são perigosas afirmações como “O brasileiro não tem o hábito de ler”, “O brasileiro tem preguiça de ler” ou “O brasileiro não sabe apreciar a verdadeira literatura”. No discurso hegemônico, por exemplo, “ver imagens” não implica em leitura, ou seja, o sujeito é visto como passivo diante das imagens. Considera-se que somente o texto escrito permite leitura e interpretação. Ainda a título de ilustração, a leitura de *best sellers* é fortemente intimidada no meio acadêmico, como se a literatura de massa ocultasse alguma espécie de vírus. O próprio termo “literatura de massa” já vem carregado de preconceito, ou seja, nesse maniqueísmo só tem valor estético a “Grande Literatura”.

A literatura se relaciona com outras áreas da atividade humana. Diversas são as adaptações de obras literárias para outros gêneros, entretanto não existem “escalas” que estabeleçam parâmetros de comparação entre a literatura e o cinema, pintura, música, teatro, TV etc. O que há é a nossa capacidade de “enxergar” as coisas, ou como diria Paulo Freire, “ler o mundo”, e é na complexidade e nos conflitos que estão as maiores possibilidades.

Todas essas questões são pano de fundo para o exposto no livro de Márcia Abreu. O valor estético de uma obra literária sempre estará inscrito em um contexto sócio-histórico, sob determinadas condições de produção, e na tensão das relações de poder: famigerado crítico literário *versus* leitor “amador”; editor *versus* autor; rico *versus* pobre, por exemplo). A autora mostra que até um livro de Machado de Assis pode ser recusado para publicação – ou sequer lido –, desde que sua autoria não seja revelada às editoras. Aos olhos dos avaliadores, o livro *Casa Velha*, assinado por Machado de Assis, é uma obra totalmente diferente de *Casa Velha*, assinado por um virtual escritor ainda no anonimato.

Com respeito à relação entre “literariedade” e linguagem, Márcia Abreu toma como exemplo um poema de Ricardo (1957, p. 279):

Lua
morta
Rua
torta
Tua
porta

Como avaliar a “literariedade” de *Serenata Sintética*, de Cassiano Ricardo? Neste poema, publicado pela primeira vez em 1947 no livro *Um dia depois do outro*, cada verso é reduzido a uma única sílaba métrica, com repetição incisiva de sons semelhantes. Ricardo (1964) concebe o poema como sendo “uma redução valorizadora da linguagem”, e assim, em *Serenata Sintética*, um cenário romântico é construído. Para Abreu (2006, p. 33): “é possível até pensar que o ritmo unitário (uma sílaba tônica por verso) mimetiza os passos do amante, enquanto a disposição gráfica (uma estrofe para cada lado) traz para o poema o desenho da rua”. Tomando a linguagem como elemento central da poesia, o poeta causa grandes efeitos, entretanto não são todos os que se deleitarão com o referido poema. Na sequência do livro, Márcia Abreu apresenta a opinião de uma adolescente que publica em seu *blog* um relato nada favorável ao poema (*Ibid.*, p. 34).

Jorge Amado foi um grande escritor, e seria merecedor de um Premio Nobel de Literatura? Ou sua obra não tem profundidade e conta com recursos literários limitados? Parece não haver um consenso entre críticos e acadêmicos a esse respeito. *Hamlet*, de Shakespeare, pode não receber grande apreciação na África Ocidental, assim como a literatura de cordel não impressiona àqueles que não conhecem intimamente o contexto das obras e suas condições de produção. É no campo do conflito e das relações sociais de poder que se dá o estabelecimento do valor estético de uma obra literária. Esses valores rompem com a abstração universalista e devem ser compreendidos levando-se em consideração a alteridade imanentemente constitutiva dos sujeitos.

Pode-se dizer que a proposta do livro é que se abandone o julgamento e a hierarquização dos textos por meio de um único critério. Cada obra deveria ser analisada imersa no sistema de valores em que foi produzida. Márcia Abreu não propõe o abandono do estudo de textos literários canônicos, mas ressalta que espaços para

a diversidade de textos e de leituras devem ser garantidos.

Os exemplos exibidos no livro mostram que a pretensa universalização dos preceitos avaliativos da literatura esbarra em conflitos de valores. Não há obras boas e ruins de modo cabal. Nas palavras de Abreu (2006, p. 112), "o que há são escolhas – e o poder daqueles que as fazem. Literatura não é apenas uma questão de gosto: é uma questão política".

REFERÊNCIAS

ABREU, M. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

GRAIEB, C. O que lê o país. *Veja*, São Paulo, 15 dez. 1999.

RICARDO, C. Serenata sintética. In: *Poesias completas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

_____. *Algumas reflexões sobre poética de vanguarda*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

Recebido em: fevereiro de 2013.

Aprovado em: maio de 2013.